



# A Santa Sé

---

**DISCURSO DO PAPA JOÃO PAULO II  
AOS BISPOS DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA  
EM VISITA «AD LIMINA APOSTOLORUM»**

*24 de setembro de 1983*

*Caros Irmãos em Nosso Senhor Jesus Cristo.*

1. É para mim uma verdadeira alegria dar-vos as boas-vindas a este encontro colegial a que juntos viemos no nome de Cristo, que é "o Príncipe dos pastores" (1Ped. 5, 4) da Igreja e o Senhor e Salvador de todos nós. E ao reunirmo-nos aqui por ocasião da vossa visita *ad limina*, desejo reflectir convosco sobre um dos campos mais importantes da nossa comum responsabilidade pastoral: *o matrimónio cristão e a vida familiar*.

Na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, os Bispos do Concílio Vaticano II declararam que "o bem estar da pessoa e da sociedade humana e cristã está estreitamente ligado à prosperidade da comunidade conjugal e familiar" (n. 47). Todos nós temos conhecimento de certas tendências contemporâneas que parecem ameaçar a estabilidade, se não a própria existência, da família: uma mudança de apreço pelo conforto individual acima do bem-estar da família como unidade social fundamental, o aumento da percentual de divórcios, atitudes de liberdade sexual, e a ideia de que outros tipos de relações podem substituir o matrimónio e a família.

Perante estas atitudes temos *a importante missão de proclamar a Boa Nova de Cristo sobre o amor conjugal cristão*, a identidade e o valor da família, e a importância da sua missão na Igreja e no mundo. Por conseguinte, na *Familiaris Consortio*, observei que o Bispo deve exercer particular solicitude pela família, "consagrando-lhe uma grande dedicação, solicitude, tempo, pessoal, recursos; sobretudo, porém, apoio pessoal às famílias e a quantos, nas diversas estruturas diocesanas, o ajudam na pastoral da família" (n. 73).

2. Esta responsabilidade pastoral é baseada no facto de que *a vida da família cristã é fundada no*

*sacramento do matrimónio*, que é "a fonte própria e o meio original de santificação para os cônjuges" (*ibid.* 56). Compete a nós, juntamente com os nossos sacerdotes, oferecer aos fiéis a riqueza do ensinamento da Igreja sobre o sacramento do matrimónio. Este ensinamento, quando é bem exercido, é muitíssimo eficaz, pois apresenta o matrimónio como a aliança de Deus com o seu povo e a relação de Cristo com a Igreja. É de extrema importância para os cônjuges cristãos estarem conscientes da verdade divina que, no seu amor humano elevado e santificado pelo matrimónio sacramental, eles "significam e compartilham o amor fecundo entre Cristo e a Igreja" (*Lumen Gentium*, II).

Dado que o matrimónio cristão exprime a relação entre Cristo e a Igreja, possui as qualidades de unidade, estabilidade ou indissolubilidade, fidelidade e fecundidade. Nas palavras do Concílio Vaticano II proclamamos: "A íntima comunidade conjugal de vida e amor foi fundada e dotada de leis próprias pelo Criador; baseia-se na aliança dos cônjuges, ou seja, no seu irrevogável consentimento pessoal. Uma instituição, que a lei divina confirma, nasce assim, mesmo em face da sociedade, do acto humano pelo qual os esposos se entregam e recebem mutuamente" (*Gaudium et Spes*, 48).

3. *As responsabilidades primárias dos cônjuges* estão descritas tanto na *Gaudium et Spes* como na *Humanae Vitae* em termos de desenvolvimento do amor conjugal e de exercício responsável da paternidade. Na base da relação matrimonial está aquele especial amor interpessoal que os esposos dão um ao outro. A Igreja proclama que este amor conjugal é eminentemente humano, que envolve o bem da pessoa integral e enriquece e enobrece tanto o esposo como a esposa na sua vida cristã. Este amor cria uma especial unidade entre o homem e a mulher, semelhante à unidade entre Cristo e a sua Igreja. A *Gaudium et Spes* afirma-nos que o amor conjugal está ligado ao amor divino e é enriquecido pelo poder redentor de Cristo e pela acção salvífica da Igreja. Deste modo, os esposos são conduzidos para Deus e ajudados e fortalecidos na sublime missão da paternidade e da maternidade (cf. n. 48).

O matrimónio é destinado também a constituir uma *família*. Os cônjuges participam com Deus na contínua obra da criação. O amor conjugal está radicado no amor divino, e é entendido como criador e corroborador da vida. É mediante a união espiritual e a união dos seus corpos que os cônjuges realizam a sua missão procriadora dando a vida, amor e sentido de segurança aos seus filhos.

Dar a vida e ajudar os próprios filhos a alcançarem a maturidade mediante a educação são alguns dos principais privilégios e responsabilidades dos cônjuges. Sabemos que os esposos habitualmente aspiram a ser pais, mas algumas vezes são impedidos de realizar as suas esperanças e os seus desejos devido às condições sociais, a circunstâncias pessoais ou até à incapacidade de gerar novas vidas. Mas a Igreja encoraja os casais a serem generosos e a terem esperança, a compreenderem que a paternidade é um privilégio e que cada filho é o testemunho do próprio amor dos cônjuges um pelo outro, da sua generosidade e da sua abertura a Deus.

Devem ser encorajados a ver os filhos como um enriquecimento do seu matrimónio e um dom de Deus para eles e para os seus outros filhos.

4. Os casais devem, ponderada e devotamente, tomar as próprias decisões a respeito do intervalo dos nascimentos e da dimensão da sua família. Ao tomarem estas decisões devem atender ao ensinamento da Igreja sobre *a conexão inseparável entre o significado unitivo e o significado procriador do acto conjugal* (cf. *Humanae Vitae*, 12). Os cônjuges devem ser exortados a evitar toda a acção que ponha em perigo uma vida já concebida, que recuse ou frustre o poder procriador deles, ou profane a integridade do acto matrimonial.

5. Como Bispos, juntamente com os vossos sacerdotes e outras pessoas que se ocupam do apostolado da família, sois chamados a ajudar os cônjuges a conhecerem e a compreenderem as razões do *ensinamento da Igreja sobre a sexualidade humana*. Este ensinamento só pode ser compreendido à luz do plano divino para o amor humano e o matrimónio pois estes dizem respeito à criação e à Redenção. Apresentemos com frequência ao nosso povo a edificante e alegre afirmação do amor humano, dizendo-lhe que "Deus inscreve na humanidade do homem e da mulher a vocação, e, assim, a capacidade e a responsabilidade do amor e da comunhão. O amor é, portanto, a fundamental e originária vocação do ser humano" (*Familiaris Consortio*, 11).

Por conseguinte, a fim de evitar qualquer vulgarização ou profanação da sexualidade, devemos ensinar que a sexualidade transcende a esfera puramente biológica e diz respeito ao ser mais profundo da pessoa humana como tal. O amor sexual só é verdadeiramente humano quando é parte integral do amor com que um homem e uma mulher se entregam totalmente um ao outro até à morte. *Esta total doação recíproca só é possível no matrimónio.*

Éeste ensinamento, baseado na compreensão da Igreja da dignidade da pessoa humana e o facto que *o sexo é um dom de Deus*, que devem ser comunicados quer aos cônjuges quer aos noivos, e também à Igreja inteira. Este ensinamento deve estar na base de toda a educação para a sexualidade e a castidade. Deve ser comunicado aos pais, que têm a primária responsabilidade da educação dos filhos, e também aos pastores e aos professores religiosos que colaboram com os pais no cumprimento das suas responsabilidades.

6. Uma parte especial e importante do vosso ministério para com as famílias refere-se à *planificação natural da família*. O número de casais que usam com bom resultado os métodos naturais está em constante aumento. Mas é necessário ulterior esforço concorde. Como a *Familiaris Consortio* declara: "a comunidade eclesial, no tempo presente, deve assumir como seu dever suscitar convicções e oferecer uma ajuda concreta a quantos quiserem viver a paternidade e a maternidade de modo verdadeiramente responsável... . Isto quer dizer um empenho mais vasto, decisivo e sistemático, para fazer conhecer, apreciar e aplicar os métodos naturais da regulação da fertilidade" (n. 35).

Aqueles casais que escolhem os métodos naturais percebem a profunda diferença — quer antropológica quer moral — entre a contracepção e a planificação familiar natural. Podem encontrar dificuldades; na realidade, com frequência convencem-se a começar a usar os métodos naturais, e têm necessidade de instrução competente, encorajamento e conselho e amparo pastoral. Devemos ser sensíveis aos seus esforços e ter compreensão pelas necessidades que experimentam. Devemos encorajá-los a continuarem os seus esforços com generosidade, confiança e esperança. Como Bispos temos o carisma e a responsabilidade pastoral de manter viva no nosso povo a consciência do influxo singular que a graça do sacramento do matrimónio exerce sobre todas as realidades da vida conjugal, e, portanto, também sobre a sexualidade (cf. *Familiaris Consortio*, 33). O ensinamento da Igreja de Cristo não é só luz e força para o povo de Deus, mas eleva o seu coração na alegria e na esperança.

A vossa Conferência Episcopal estabeleceu um programa especial para alargar e coordenar os esforços nas várias dioceses. Mas o bom êxito de tal esforço requer o constante interesse pastoral e o apoio de cada Bispo na sua própria diocese, e estou-vos profundamente grato pelo que fazeis neste importante apostolado.

7. A família é justamente descrita como uma *Igreja doméstica*. Como tal, transmite a fé e a escala dos valores cristãos de uma geração à outra. Os pais são chamados a contribuir para a educação dos seus filhos, precisamente como jovens cristãos. A família é também o centro da catequese sacramental. Cada vez mais, são os pais chamados a tomar parte activa na preparação dos próprios filhos para o Baptismo, a Primeira Confissão e a Primeira Comunhão. Os cônjuges também são activos em programas de preparação para o matrimónio. Tudo isto diz respeito ao papel da família de participar na vida e na missão da Igreja. Com todo o nosso coração devemos encorajar a oração em família e a vida sacramental da família, centralizada em redor da Eucaristia. Porque a vitalidade da família cristã deriva da sua união com Cristo na vida de graça, que é alimentada pela liturgia e pela oração familiar.

8. A família cristã tem também a responsabilidade de participar *no desenvolvimento da sociedade*. Como Bispos dos Estados Unidos tendes uma *longa história de dedicado serviço às famílias em particulares necessidade*, de modo especial mediante as vossas agências de serviço social católico. As vossas agências diocesanas têm também demonstrado uma especial solicitude pelos pobres, pelas minorias raciais, étnicas e culturais, como também pelos desprotegidos. Mas como o Sínodo dos Bispos de 1980 recomendou, e como foi salientado na *Familiaris Consortio*, "o dever social das famílias é chamado ainda a exprimir-se sob forma de *intervenção política*: as famílias devem com prioridade deliciar-se para que as leis e as instituições do Estado não só não ofendam, mas sustentem e defendam positivamente os seus direitos e deveres" (n. 44). A vossa Conferência Episcopal tem sido diligente em favorecer esta tarefa mediante a sua actividade em favor da vida, a de modo especial mediante *o anual programa para o Respeito da Vida* que tem início na próxima semana deste ano.

9. O desafio pastoral é grande, e requer a vossa orientação pessoal e constante, a colaboração dos sacerdotes e dos religiosos, e o generoso e dedicado esforço do laicado católico, especialmente o das famílias. Num país vasto como o vosso, a tarefa é muito complexa. Mas de novo vos confio a recomendação da *Familiaris Consortio*, isto é, que as Conferências Episcopais deveriam formular um *Directório para a Cura Pastoral da Família*, que inclua o conteúdo da preparação para o matrimónio, e que os sacerdotes e os seminaristas recebam uma especial preparação para a obra pastoral com as famílias. Precisamente por esta razão foi constituído o Instituto especial para o estudo sobre o matrimónio e a família na Pontifícia Universidade Lateranense.

Estou ciente das vossas muitas outras responsabilidades e solitudes pastorais, mas pelas minhas viagens pastorais estou muito persuadido da vitalidade da vida familiar cristã mesmo perante tantas tensões e pressões. Exorto-vos a manifestar à família especial solicitude e amor, para colaborar com os outros no amparo da vida familiar, e proclamar constantemente ao vosso povo que "o futuro da humanidade passa pela família" (*Familiaris Consortio*, 86).

10. Não podemos absolutamente aceitar a contemporânea busca de exagerada conveniência e vantagem, pois como cristãos devemos atender à vigorosa exortação de São Paulo: "Não vos conformeis com este século" (*Rom. 12, 2*). Devemos compreender que nos nossos esforços para superar as influências negativas da sociedade moderna somos identificados com Cristo Senhor, que mediante o Seu sofrimento e a Sua morte remiu o mundo. Deste modo podemos ainda melhor transmitir às nossas gentes a mensagem do Concílio Vaticano II de que seguindo Cristo, que é o princípio de vida, "sejam, nas alegrias e nos sacrifícios da sua vocação pela fidelidade do seu amor, testemunhas deste mistério de caridade, que o Senhor revelou ao mundo com a Sua morte e ressurreição" (*Gaudium et Spes*, 52). Sim, caros Irmãos, *o matrimónio e a família estão intimamente ligados ao Mistério Pascal do Senhor Jesus*, e o amor conjugal humano permanece para sempre uma grande expressão sacramental do facto que "Cristo amou a Igreja, e por ela Se entregou" (*Ef. 5, 25*). No poder do Espírito Santo comunicamos este dom da verdade de Deus ao mundo.

*A proclamação desta verdade é o nosso contributo aos cônjuges; é a prova do nosso amor pastoral pelas famílias; e será a fonte de imensa vitalidade para a Igreja de Deus nesta geração e para as gerações vindouras. Com determinação, confiança, e esperança proclamemos a Boa Nova de Cristo para o Amor conjugal e a vida familiar. E Maria, a Mãe de Jesus, esteja connosco nesta tarefa apostólica.*